

Migrações ciganas: olhar sobre um acampamento em Pedro Teixeira – Minas Gerais - Brasil¹

Thiago Henriques Lopes

da Universidade Federal de Juiz de Fora – Minas Gerais - Brasil
thiagohenriquesjf@hotmail.com

Carlos Eduardo Santos Maia

da Universidade Federal de Juiz de Fora - Minas Gerais - Brasil
carlmaia@uol.com.br

Resumo - Este trabalho resulta, inicialmente, de uma curiosidade pessoal sobre como é o modo de vida dos ciganos e ainda da carência que sentimos da exploração de sua cultura no curso de Geografia e do porquê de suas migrações. Busca-se, ainda que em rápidas linhas, expor certos aspectos da espacialidade da migração cigana e seus reflexos no acampamento a partir do estudo realizado num grupo que encontramos em Pedro Teixeira (MG). De forma mais específica, abordamos como algumas de suas práticas cotidianas estão relacionadas a essa condição de moradia temporária que se manifesta na paisagem do acampamento. Metodologicamente, recorremos à análise bibliográfica sobre o assunto e a entrevistas com alguns membros do grupo, além de termos observado suas práticas cotidianas em trabalhos de campo.

Palavras-chave: Acampamento Cigano. Migração. Paisagem.

Os ciganos no Brasil: da chegada às correrias nas Minas Gerais

Ao se falar de ou sobre ciganos, logo de início é importante ressaltar uma grande dificuldade, pois esta denominação os generaliza, visto que existem diferentes clãs e grupos, cada qual com suas respectivas culturas e leis². Tem-se ainda outra dificuldade no fato de que a história desses diferentes grupos não está documentada de forma escrita, pois sua cultura é mais difundida entre eles próprios por tradição oral, sendo “obscura a veracidade” de dados como datas, relatos, menções quantitativas, entre outros.

Segundo Coelho apud Teixeira (2008, p.5) o primeiro cigano a chegar ao Brasil foi João Torres e sua família (mulher e filhos) em 1574³, quando foram expulsos de Portugal. Já em Minas Gerais, o primeiro registro consta de 1718, sendo estes vindos do Nordeste brasileiro, principalmente da Capitania da Bahia (TEIXEIRA, 2008, p.5). Os ciganos (grupo

¹ Artigo adaptado do trabalho de conclusão de curso apresentado em 2013 no Departamento de Geociências da Universidade Federal de Juiz de Fora

² Ressaltamos que os costumes ciganos são interpretados como “leis”. Acerca disso, leia-se Pereira (2009), no capítulo três da obra intitulada: *O Povo cigano: Suas crenças, suas leis*.

³ Fato colocado em reserva por Costa (2005, p.7) em seu texto *Contributos Ciganos para o Povoamento do Brasil (Século XVI-XIX)* que, baseada na leitura de Francisco Adolfo Coelho, *Os Ciganos de Portugal com um estudo sobre o calão*, relata que não há comprovação de registro de embarque ou qualquer outro documento que comprove presença de João Torres no território brasileiro.

Calón) em grande maioria chegaram ao Brasil deportados de Portugal, onde causavam medo e eram acusados de perturbações na população da metrópole.

Para o Brasil também vieram os ciganos do grupo Rom, oriundos de outros países da Europa (TEIXEIRA, 2008, p.28). A origem desses grupos no país ficou marcada pela chegada de Jan Nepomusky Kubitscheck, no século XIX. O sobrenome Kubitscheck nos parece familiar, não? Sim, tratam-se dos antecedentes de um dos Presidentes do Brasil, Juscelino Kubitscheck. (TEIXEIRA, 2008, p.5)

Os ciganos no Brasil, tal como ocorria em Portugal, foram perseguidos, havendo um breve período de “paz” entre eles e a polícia no início do século XIX, durante a chegada da Família Real ao país. Os ciganos que ficavam próximo Campo de Santana, no Rio de Janeiro, então Corte, comercializavam escravos, algo que era considerado uma atividade útil naquele momento histórico. Tal inserção na economia da Corte redundou numa melhor aceitação de sua presença, chegando os ciganos a participarem de bailes promovidos pela Família Real, algo inconcebível em Portugal. (TEIXEIRA, 2008, p.7)

Porém, o período de trégua foi curto, pois com as leis antitráfico negreiro e a assinatura da Lei Áurea os ciganos voltaram a ser vistos como um estorvo para a sociedade e reiniciaram-se as perseguições, que alcançaram seu ápice no final do século XIX (já na República), sendo chamadas de “correrias ciganas”. É importante que se faça saber que “Correrias” era o nome comumente dado à fuga dos ciganos em virtude dos encalços e perseguições por parte da polícia, nas quais ocorriam tiroteios que vitimavam pessoas de ambos os lados. Teixeira (2008, p.35) apresenta uma série de Posturas Municipais de Minas Gerais, datadas de 1828, que vão implicar diretamente no trato com os ciganos e impelindo as “Correrias” nas Minas Gerais. Entre as posturas a fim de colocar os ciganos à margem e distantes da sociedade, uma que se destaca é aquela referente à promoção da urbanização nas Minas Gerais, pois assim poderiam talvez garantir que os ciganos se mantivessem afastados da cidade e não ameaçassem a saúde dos cidadãos, pois, neste período, a transmissão de doenças em grande parte era atribuída aos ciganos.

Com a urbanização e controle de circulação dos ciganos pelas ruas da cidade, estes ocuparam as áreas periféricas, geralmente lugares propícios à difusão de doenças, ou também fazendas no entorno urbano, como no caso da região da Zona da Mata mineira. Esta ocupação de fazendas e da periferia das cidades é citada por Teixeira (2008, p. 36), sendo confirmada e melhor exemplificada na obra de Paiva (1934, p.41) baseado em documentos de seu bisavô narrando histórias de sua mãe e conversas com um misterioso cigano (como o mesmo relata) sobre a presença de ciganos na região da Zona da Mata mineira.

Aprofundando um pouco mais a questão das “Correrias Ciganas” em Minas Gerais no século XIX, durante o Império, percebe-se que os documentos sobre essas perseguições são relatórios de chefes de polícia, como aqueles citados por Teixeira (2008, p.41), Paiva (1934, p.42-43) e Borges (2007, p.14), o que nos indica tanto a “repressão”, como a preocupação com a “ordem pública”. Ser cigano, naquela época, era estar sob desconfiança e vigilância, sofrendo-se perseguição supostamente por “incomodar” a chamada ordem social. Paiva narra através dos documentos de seu bisavô, Francisco, um episódio que envolve os ciganos:

10 de agosto de 1866.

... Eu tinha que sair, precisava visitar meu compadre e irmão. Na condição de autoridade local, é meu dever atender aos reclamos dos moradores, especialmente se tratando de Antunes, meu sangue, que, além de fazendeiro muito próspero, é um tanto velhaco e valentão. (...)

Logo trouxeram-me o alazão, montei-o, chicoteei-o violento, como se ele fosse culpado do meu sofrimento. (...) A fazenda Monte Belo, do Antunes, fica a quatro léguas de distância. (...) Aliás, o motivo da viagem que ia fazer era a expulsão dos nômades que estavam acampados em seus terrenos há meses e não mostravam sinais de que iriam partir.

Não sei o porquê, todos os anos era a mesma coisa. Uns ciganos apareciam não se sabe de onde, nem porque, nem como e, sem cerimônia abancavam no local de sempre e deixavam-se ficar, dias, semanas, meses; depois, repentinamente anoiteciam e não amanheciam.

Que gente estranha! Arredios, vivendo em tendas. Às vezes, iam ao arraial comprar mantimentos e vender sobretudo tachos e trocar animais. Como sempre, eram tremendamente espertos e davam “mantas” no pessoal do lugar. (...) Na verdade nunca foram problemáticos, afora uma ou outra reclamação de pequenos prejuízos causados pela ingenuidade dos aldeões e esperteza dos visitantes. Antunes achava que era hora de partirem e naturalmente queria o apoio da autoridade, ou seja da minha presença. (1934, p.42-43).

Paiva registra ainda a passagem de ciganos por Santo Antônio do Paraibuna (atual Juiz de Fora), por volta de 1840; estes, vindos do Rio de Janeiro, foram expulsos da área anteriormente citada – do Campo de Santana – e percorreram cidades como Petrópolis, Simão Pereira, Matias Barbosa e, finalmente, Juiz de Fora, onde a polícia os esperava.

.... Um grupo muito pequeno, duas ou três famílias. Vinham de muito longe. Até o cume da serra de Petrópolis o caminho era satisfatório, a estrada era calçada. Foram expulsos do Valongo, do Campo dos Ciganos e do Beco do Bem-Bom (...). Agora seguiam o sobe-e-desce da Estrada União-Indústria(...). A estrada, se é que assim podia se chamar, era pouco mais que uma trilha por ladeiras, pedreiras e perambeiras, costeando os rios Piabanha, depois o Paraíba e a seguir o Paraibuna. (...) Vinham em direção a Santo Antônio do Paraibuna (atualmente Juiz de Fora) onde os irmãos de perambulação passaram e afirmaram ser um bom lugar. (...) Detiveram-se uns dias em Simão Pereira, depois uma semana em Matias Barbosa. Foram esperados por forças policiais em Juiz de Fora e convidados a continuarem a jornada. (PAIVA, 1934, p.40-41).

Em Juiz de Fora, como pode ser notado neste trecho citado, e também em Borges (2007) nas suas consultas aos jornais da época, havia uma intolerância à chegada de ciganos na cidade, devido toda carga histórica negativa e pejorativa atribuída a estes na

qualidade de “vagabundos”, “desrespeitadores da lei”, “invasores da propriedade alheia” e até mesmo “assassinos”. Conforme mencionado anteriormente, as Posturas Municipais os cerceavam e Santo Antônio do Paraibuna possuía uma Postura que ia de encontro ao propósito de dificultar qualquer aproximação dos ciganos com a população residente e, por tabela, afastá-los da sua jurisdição. O Código de Postura de 1860, em seu artigo 161, estabelecia que:

È prohibido comprar ou trocar escravos, animaes, etc., com ciganos e pessoas desconhecidas, e suspeitas. Ciganos e suspeitos se denominão os que são por taes havidos; e não são moradores e estabelecidos no Municipio, e nem tem pessoa capaz que os conheça e abone. Os contraventores pagarão a multa de 10\$ a 30\$, e o duplo nas reincidencias. Na mesma pena incorrerão, bem como suspeitas, e além de ser-lhes sequestrada toda a sua mobilia e negocio, e não ser-lhes entregue emquanto não presterem fiança. (Código de Postura de 1860 apud BORGES, 2007, p.42).

Além das posturas municipais elaboradas pelo Poder Público, os ciganos tinham outro “inimigo”, a imprensa, particularmente os jornais, que falavam sobre eles de forma depreciativa e exaltavam, por outro lado, a ação da polícia. Os jornais também cumpriam o papel de “sirene”, avisando sobre a presença de ciganos na cidade e suas imediações e pressionando para que a polícia agisse logo e os expulsassem. Em geral, nota-se que a população era temerosa aos ciganos, novamente recorremos à obra de Paiva que traz um exemplo claro dessa situação, retirado do livro de Tombo de seu bisavô:

Hoje inicia-se a primavera, domingo próximo passado vieram me contar que os ciganos foram ao arraial. Houve princípio de pânico, muitas pessoas cerraram as portas, o Gilberto, farmacêutico, pegou a espingarda e se pôs de prontidão, atrás da janela, o Pinduca fechou o botequim e o Anibal, da venda, pegou o porrete atrás da porta e colocou-o sob o balcão. As mulheres observavam através das frestas das rótulas. (1934, p.54)

Os fazendeiros da Zona da Mata Mineira ficavam alertas quanto à presença de grupos de ciganos e colocavam seus capangas para observarem a movimentação a fim de impedi-los de acampar nas suas terras ou expulsá-los, caso já estivessem acampados. Destarte, nos relatos envolvendo ciganos (destacamos novamente a palavra relatos, pois é isso que o há, em geral, sobre os ciganos no Brasil) estes frequentam amiúde as páginas policiais e são retratados por outras pessoas, não ciganas, diga-se de passagem. A cultura cigana é ágrafa e transmitida por tradição oral, assim não se encontraram documentos ou “histórias” escritas por eles próprios no que diz respeito àquele espaço-tempo da chegada e das correrias. As informações da época foram retiradas e/ou baseadas em jornais, leis, diários, alvarás que mostram a versão (relatos) daqueles que os perseguiam, dos que tinham medo, dos que se incomodavam e eram intolerantes com a sua presença.

Da migração ao acampamento cigano

Não há no Brasil atualmente certeza de quantos ciganos existam no país e, como é reiterado por Moonen (2012, p.90), não há sequer como supor seu quantitativo, pois não há pesquisas que apresentem dados confiáveis e também devido ao fato de alguns ciganos negarem sua “ciganidade”. Não temos precisão se que o Censo realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) tenha entrevistado grupos ciganos; em 2010, porém, o órgão governamental registrou que 290 municípios brasileiros reconhecem que existam acampamentos ciganos em seu território⁴. O fato é que o país enfrenta um desafio enorme quanto às políticas públicas voltadas para ciganos, conforme pode ser exemplificado em notícia publicada no portal R7⁵, aos 24 de maio de 2011, que descreve como última ação envolvendo os ciganos a mera instituição do dia do cigano (24 de maio), em 2006, e depois disso nada relevante foi feito para melhorar a sua condição de vida.

Os ciganos, nesse alvorecer de século XXI, ainda enfrentam resquícios das perseguições e preconceitos perpetuados desde os séculos passados e geralmente são vistos com temor por boa parte da população. Claudio Iovanovich cigano e presidente da associação de preservação da cultura cigana, diz: “Nossa história foi contada nos jornais, nas páginas policiais. Por isso os ciganos odeiam os jornalistas. Porque tudo que é ruim vai para a mídia. Nem a Rede Globo consegue entrar hoje numa tenda cigana. O que vai ao ar não reflete a realidade.”⁶

Ainda que pesem os preconceitos e perseguições, os ciganos estão em constante movimento migratório e isto é *uma* das marcas de sua cultura. Aqui, abordam-se conceitos de migração que são importantes e auxiliam na compreensão das migrações ciganas propriamente ditas; como aquele definido pela IOM (International Organization for Migrations) segundo o qual “migração consiste movimento de população para território de outro Estado ou dentro do mesmo que abrange todo movimento de pessoas, seja qual for o tamanho, sua composição ou suas causas; inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desarraigadas, migrantes econômicos”⁷. Duas situações descritas pela IOM se enquadram mais no perfil migratório dos ciganos.

A migração de refugiados pode-se assemelhar com o histórico mais antigo dos grupos ciganos, quando foram expulsos de seus “territórios”, na Índia, e pelas inúmeras perseguições que sofreram onde passaram. Mas a migração nem sempre foi característica marcante dos grupos ciganos, como cita Ramanush: “Já que as expulsões (que são eufemisticamente

⁴ Dado disponível em: <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=1612>

⁵ Disponível em: <http://noticias.r7.com/brasil/noticias/falta-de-politicas-publicas-para-ciganos-e-desafio-para-o-governo-20110524.html>. Acesso em 20/04/2013.

⁶ Depoimento ao Boletim Repórter Social. Acesso em 5 de janeiro de 2013.

http://www.reportersocial.com.br/noticias_print.asp?id=1131&ed=direitos%20humanos -

⁷ <http://www.csem.org.br>>. Acesso em 18/2/2013

chamadas de nomadismo) nos levou a convivência com as nações mais diversas no mundo (...). Quanto a nós, ciganos, o nomadismo nunca foi uma questão de livre escolha ou modo de vida. Mas sempre esteve associado à questão das perseguições” (2012, p. 2 e 4). Porém, mais recentemente, o fator econômico é que aparenta ser o maior motivo de migração entre os grupos, inclusive daquele alvo de investigação neste trabalho. Nas entrevistas realizadas com integrantes do grupo cigano, o principal motivo da migração são os negócios, chamados por eles de *catira*. Isso os credenciaria a uma similaridade com os migrantes econômicos da IOM que, em síntese, buscam em outros locais melhores condições de vida.

Apesar do pouco tempo de contato que tivemos com os ciganos (cerca de 6-7 meses) pudemos perceber esta questão econômica (a *catira*) como motivo de suas mudanças. Há ainda que se destacar outro fator levado em consideração na migração do grupo estudado: a relação de afeição que eles têm com o local e os seus moradores, sendo Pedro Teixeira-MG um município receptivo, segundo os próprios integrantes.

Voltando ao conceito de migração, Barcellos (2005, p.298) aborda questões da realidade brasileira, em que é possível fazer um paralelo àquela do grupo estudado. A autora inicia seu artigo elencando conceitos como movimento e fluxo migratório que ocorrem a partir de uma área configurada como de expulsão - exemplificada por ela através das áreas rurais ou pouco urbanizadas - para uma área de atração, como grandes cidades e regiões metropolitanas. Trazendo-se isso para a realidade do grupo, é possível comparar essas áreas descritas pela autora como aquelas onde a *catira* para eles é boa ou ruim, porém lembrando que esta questão de ser “boa” ou “ruim” irá variar com o espaço-tempo, sendo que um local pode, em certo momento, ser “bom” para a *catira* e em outro momento não. Ricardo e Castro comentam que “mesmo se adaptando, os não naturais, no dia-a-dia, vão construindo uma identidade própria em oposição ao natural, ressaltando os valores originários de sua família, dos laços de parentesco e da vizinhança que ficaram na terra natal” (2003, p.8). Recorrendo a tal ideia, colocaríamos os ciganos na situação daqueles “não naturais” do local - embora seja exarado nos ditos ciganos que a Terra é o seu lugar, então seriam naturais em todo e qualquer espaço - e quase toda citação nos auxilia a entender a realidade do grupo; exceto por dois motivos: a identidade já está bastante consolidada e não há “terra natal”, e sim os locais onde já passaram e deixaram amigos.

Visitas ao acampamento: (des)encontros, discursos e perspectivas

Na pesquisa, a primeira questão abordada se referiu aos motivos que fazem o grupo migrar e o entrevistado, responsável pelo grupo, alegou como principal a *catira*, que varia de acordo com a situação econômica do local onde estão, ou seja, se a *catira* for melhor,

permanecem por um tempo maior. Fatores como a escola para os meninos e as meninas ciganas e a relação com os moradores locais também influenciam na decisão.

O depoente reiterou também as dificuldades encontradas na migração do grupo, como conseguir frete para levarem seus pertences, pois não se pode levar tudo nos carros – para aqueles que possuem. Lembrou também que o grupo migra dentro de uma região que compreende os municípios de Lima Duarte-MG, Pedro Teixeira-MG e o bairro Igrejinha em Juiz de Fora- MG. No momento que finalizamos a pesquisa, 06/05/2012 eles se encontravam na cidade de Pedro Teixeira-MG, no loteamento Piazinha, há cerca de cinco meses, em 19 barracas.

Não foi possível contabilizar quantos ciganos há no grupo, por dois motivos principais. O primeiro é que eles próprios não fazem questão de quantificar quantos são e não informam isso; e segundo é que não é possível encontrar todos ao mesmo tempo no acampamento, exceto em alguma festividade ou algo do tipo, porém infelizmente não presenciamos nenhuma. Estimamos que existiam acampados aproximadamente 65 ciganos naquele local.

Uma peculiaridade de seus modos de vida é como se adaptam à realidade do local em que estão no momento e como se preparam para enfrentar os desafios da natureza. Em uma conversa muito rápida, disseram-nos que, quanto às necessidades como o banho, por exemplo, mesmo as barracas tendo energia elétrica, não há chuveiro, então a água é aquecida e se toma o banho em uma área mais privada da barraca à base de canecos e/ou bacias. Mas o maior desafio são as “forças da natureza” em si, como chuvas, ventos, frio, calor, pois tudo é sentido de forma muito intensa, podendo até mesmo prejudicá-los, como no caso dos ventos que, se forem muito fortes, chegam a arrancar as estacas que prendem suas barracas ao chão, mesmo que todo o cuidado para isso não acontecer seja tomado. Os vendavais podem ainda arrastar pelo acampamento alguns de seus pertences, como roupas, painéis, o couro que fica esticado, entre outros. Porém, tal como nós que estamos mais habituados às nossas residências fixas e nossas vidas cotidianas, eles também estão a esse modo de vida. Acerca do local em que estavam acampados e da cidade, obtivemos os seguintes depoimentos:

“Pedro Teixeira é um lugar ‘bão’, só que tem poucos recursos e está longe da cidade (fala de qualquer cidade maior, podendo ser Juiz de Fora- MG ou Lima Duarte-MG), tem pouco horário de ônibus aqui.”

“A”, 21 anos.

“Aqui é bonito, tranquilo e calmo, todo mundo é bom com a gente. Porque você sabe ‘né’, tem lugar que não gostam da gente, bate na gente e expulsa a gente de lá. Aqui não, aqui é bom.”

“F”, 13 anos

“Aqui é um lugar bom, de pessoal humilde, tranquilo, amigo. Um ótimo lugar para ficar. Desde pequeno eu conheço Pedro Teixeira, há 25 anos eu acampe aqui. Estamos aqui há um ano e dois meses. A área de saúde aqui é muito boa, melhor que Juiz de Fora.”

“T”, 56 anos

“Aqui é bom, o único problema daqui é que as pessoas que trabalham em órgãos como a prefeitura e o CRAS (Centro Regional de Assistência Social) ajudam as pessoas que lhes convém, eles não olham a necessidade da pessoa, e sim a pessoa.”

“H”, 21 anos

“Tudo que os outros já falaram aí sobre Pedro Teixeira você pode escrever porque é verdade, estamos em grupo, temos a mesma visão do lugar.”

“J”, 48 anos

Sobre os depoimentos, buscamos obtê-los da forma mais diversa possível, conversando com adultos, jovens e crianças de ambos os sexos, de modo que cada um apresentasse sua visão sobre o acampamento e a cidade de Pedro Teixeira e, com isso, percebemos como suas opiniões variam. Os depoimentos que mais nos chamaram a atenção foram de “H” e de “A”, que são os únicos a apontarem um aspecto negativo da cidade, e de “J” de 48 anos, sobre a questão de ter a mesma “visão do lugar” dos demais ciganos.

Os depoimentos de “A” e “H”, como citados antes, são os únicos a levantarem aspectos negativos da cidade e retratam problemas comuns que qualquer cidadão, seja cigano ou não, pode enfrentar não só em Pedro Teixeira, mas em outra cidade do Brasil, como carência no atendimento em órgãos públicos e o transporte deficitário. Já o depoente mais idoso traz informações não levantadas por outros ciganos quando disse já conhecer a cidade desde a infância e também elogiou o atendimento médico no município. As crianças, representadas aqui pelo depoimento de “F”, exaltam mais a paisagem, descrevendo a cidade como bonita ou linda. No mais se percebe que os ciganos realmente possuem uma topofilia por Pedro Teixeira, seja pela possibilidade de ser fazer boas catiras, pelos seus cidadãos, pela paisagem, entre outros fatores, e que não será nenhuma surpresa que voltem lá depois de passarem por outros locais.

A paisagem e as atividades cotidianas

Nestes parágrafos exporemos as práticas cotidianas dos ciganos do grupo relacionadas à moradia temporária. Os ofícios mais comuns entre os ciganos são comércio de cavalos, artesanato, caldeiraria, quiromancia (realizada pelas mulheres), entre outros. Antes, porém, de detalhar suas atividades é importante resgatar o conceito de cotidiano de Agnes Heller como a vida de todos os dias e de todos os homens em qualquer época histórica. Assim a autora o descreve:

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade e de sua personalidade. Na vida cotidiana colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se nem de longe em toda a sua intensidade. (HELLER,1972, p.17)

A definição de Heller de cotidiano auxilia estas análises no diz respeito à ligação do homem com as atividades das quais executa mediante suas habilidades, permitindo assim uma ponte com a realidade cotidiana dos ciganos, na qual cada um deles desenvolve seus labores de acordo com suas habilidades, o que pode ser interpretado mediante a leitura da “paisagem cigana”. De outro modo, no acampamento, as atividades cotidianas dos ciganos imprimem transformações na paisagem, no caso, numa “paisagem excluída” como a define Cosgrove:

...a paisagem humana está repleta de símbolos de grupos excluídos e de seu significado simbólico. O espaço simbólico dos jogos das crianças e seu uso imaginário de lugares comuns para criar paisagens de fantasia, o local da caravana cigana, as marcas deixadas por mendigos para indicar o caráter de uma vizinha como fonte de caridade, o grafite das gangs de rua, as notícias discretas e indicadores de paisagens de grupos variados como gays, maçônicos ou prostitutas, todos estão codificados na paisagem da vida cotidiana e aguardam estudos geográficos. (COSGROVE,1998, p.120-121)

Sobre as paisagens excluídas podemos elencar alguns elementos daquela pesquisada que caracterizam essa exclusão, tais como: moradia temporária, mulheres ciganas em condição de “subalternidade” e sua situação de grupo minoritário. A moradia temporária causa certa exclusão devido ao fato de justamente não ficarem por muito tempo em determinado lugar – grupos nômades e seminômades –; paralelamente, os residentes “permanentes” têm um olhar desconfiado para com eles. Sobre as mulheres ciganas, dois fatores podem ser citados para exemplificar a exclusão, o primeiro é a submissão delas frente aos homens dentro do próprio grupo e o segundo é o tratamento dado a elas pela sociedade, no qual as mulheres ainda não gozam de todos seus direitos, e quando são ciganas estes ainda são mais suprimidos. Sobre a cultura minoritária, já foi discutido aqui o quanto esta é desconhecida pelos os chamados *gadjos* (não ciganos) e mesmo sem se poder contabilizar de fato quantos estes são, independente dos clãs, os ciganos têm pouca representatividade em nossa sociedade de modo geral. A partir disso, instaura-se uma dialética entre relações de topofilia e topofobia no que diz respeito à paisagem cigana, reiterada nas palavras de Guimarães: “A topofilia cigana refere-se ao planeta como uma única paisagem vivida, na qual alcançam a unidade do mover, do existir, do ser. A topofobia cigana restringe-se a paisagens/pausas pontuais nesse cenário.” (2003, p.68).

Embora seja uma “paisagem excluída” e que traz à baila um movimento dialético entre topofilia e topofobia, a paisagem cigana apresenta pontos interessantes de análise geográfica. Salienta-se aqui, primeiramente, a transformação da paisagem que se nota quando o grupo chega para “montar acampamento”, com a instalação das barracas, que logicamente já causam um impacto visual aos residentes locais e às demais pessoas que por ali passam e antes não as viam. Outra transformação se dá pela distribuição de seus objetos no acampamento, assim como a presença de animais, principalmente cavalos, que são cuidados e comercializados por alguns deles. Tanto quanto as barracas, o couro, que é curtido por alguns dos ciganos, quando colocados na armação de bambu e fincados ao chão, também chama atenção dos passantes, principalmente quando são muitos. No aspecto social, algo que notou-se em Pedro Teixeira-MG e também no bairro Igrejinha em Juiz de Fora-MG foi a presença de pessoas que frequentavam o acampamento simplesmente para conversar com os ciganos e lá ficavam por horas. Se antanho os ciganos em geral não eram bem vistos pela população, agora nota-se que a situação se modificou um pouco e assim modifica-se também a paisagem do acampamento, passando paulatinamente do “medo” à “co-presença”, da “negação” ao “diálogo”.

Outro fator que marca a transformação da paisagem cigana é a diversidade do próprio grupo e sua expressão na corporeidade das mulheres, principalmente no uso de vestidos e saias longas e coloridas, que propiciam praticamente a todos passantes próximos ao acampamento identificarem a presença da “cultura cigana” no local. Já os homens não manifestam isso em suas vestimentas e passam despercebidos aos olhos incautos. A diversidade cultural nesta “paisagem transitória”, em termos de elementos materiais, também se dá pela existência do couro curtido, citado anteriormente, e de panelas, sempre ariadas, na entrada das barracas.

Mas a paisagem é constantemente transformada pelo trabalho e aqui destacam-se o comércio de cavalos, artesanato, caldeiraria e quiromancia como atividades econômicas. São nesses ofícios característicos que os ciganos obtêm renda para manter suas famílias, principalmente aqueles que são exclusivamente “nômades” e não possuem “casa”, ou outra propriedade, para alugar. Em uma das primeiras visitas ao grupo, conhecemos o cigano “Y” que forneceu entrevista e apresenta uma habilidade notória com a caldeiraria. Uma simples e velha panela de pressão é transformada em tacho para ser utilizado em muitas atividades. Para se ter ideia, uma panela de pressão de 7,5 litros com a tampa torna-se um tacho de aproximadamente 9,5-10 litros. “Y” lembra que a tampa da panela é usada para fazer a alça do tacho, mas o fato de não a possuir não impede a sua produção, porém este ficará menor, pois a alça será feita de uma parte do metal da própria panela.

Na terceira visita, movidos pela curiosidade, conseguimos uma panela e levamos para que ele pudesse mostrar como era seu trabalho, porém infelizmente é um trabalho que leva tempo e não pudemos acompanhá-lo do início ao fim e, depois de uma semana, fomos buscar o tacho produzido. O resultado deste trabalho é apresentado logo abaixo, em uma imagem comparativa de como era a panela e como ficou o tacho feito a partir dela. A caldeiraria não se remete somente à produção dos tachos, há também panelas e colheres. Por sinal, quanto menor o utensílio produzido mais trabalho há por fazer em virtude dos detalhes.



Figura1 - foto: Panela de pressão como matéria-prima para produção do tacho.
Fonte: LOPES, Thiago H. 02/05/2012.



Figura 2 - foto: Tacho produzido através da panela de pressão.
Fonte: AGUIAR, Tarcísio. 31/05/2012

Outra atividade muito comum, como foi citado anteriormente, é o artesanato. Esta arte é dominada por “Z” e alguns de seus filhos, que usam uma pequena barraca ao fundo de sua barraca principal para trabalhar. Lá produzem e consertam talas, arreios, chicotes, bolsas, laços, cabresto, entre outros artigos oriundos do couro, este, aliás, é comprado dos fazendeiros que vivem próximo ao acampamento por aproximadamente quarenta reais, variando o preço de acordo com o seu tamanho. É no acampamento mesmo que eles esticam o couro, usando a água de um pequeno córrego para lavá-lo e alguns bambus para poder esticá-lo e colocá-lo ao sol para secar, por aproximadamente 10 dias, tempo que varia de acordo com a insolação. “Z” explica que comercializa seus artigos no local onde o grupo está acampado e também em outras localidades, ou esses artigos já são previamente encomendados e, segundo ele, dependendo do comprador, o destino de seu artesanato é o comércio exterior. O artigo que demanda mais tempo para ser produzido, segundo o cigano, é o laço, cerca de duas horas, sendo também um dos mais caros, aproximadamente trinta e cinco reais. “Z” ainda lembra que produzir um artigo novo é mais fácil do que consertar algum. Dependendo do tipo de conserto que deve ser feito, às vezes compensa mais fazer um novo. Abaixo podemos visualizar alguns dos artefatos produzidos por ele.



Figura 3 – foto: Couro esticado e exposto ao sol.
Fonte: LOPES, Thiago H. 06/05/2012



Figura 4 - foto: Talas, chicotes e cabrestos feitos a partir do couro curtido.
Fonte: Fonte: LOPES, Thiago H. 06/05/2012

O comércio de cavalos talvez seja um dos trabalhos pelo qual os ciganos sejam mais conhecidos e no grupo não falta quem o realize. Conversamos novamente com “X” sobre esta atividade, que infelizmente é uma das mais complicadas de acompanhar, pois não ocorre no acampamento e o cigano circula pelas fazendas, vilas e cidades próximas para encontrar alguém com quem possa negociar. Isto não tem um dia certo para ocorrer, o que deixa mais clara a não obrigatoriedade com horários e dias para se trabalhar e obstaculiza seu acompanhamento, pois, mesmo quando combinado, pode ocorrer algum contratempo que fará o cigano cancelar seu compromisso.

Essas são as atividades pelas quais os ciganos do grupo são mais conhecidos, porém “X” lembra que nem todos os membros possuem uma habilidade para alguma delas ou, mesmo as tendo, há tempos difíceis em que os negócios não vão muito bem, até nos melhores locais. Então eles também trabalham como roçadores de pasto, ajudam a “encher uma laje” e outras atividades que lhes forneçam algum sustento e possam ser realizadas em qualquer lugar onde o grupo monte o acampamento.

A quiromancia, embora em Pedro Teixeira seja pouco ou raramente praticada, também é um ofício das ciganas e igualmente traduz essa flexibilidade de local e horário de trabalho, no caso das mulheres. Uma das ciganas a qual tivemos oportunidade de conversar sobre este ofício não informou o porquê de em Pedro Teixeira não saírem às ruas para praticar a quiromancia, apenas deixou claro que os moradores que quisessem poderiam tranquilamente ir ao acampamento e seriam atendidos. A leitura das mãos serve também como um complemento à renda familiar.

Finalizando, notam-se que as atividades cotidianas do grupo, de certo modo, traduzem a sua moradia temporária, uma paisagem excluída e, enfatizamos, tais atividades favorecem o deslocamento do grupo por permitirem ser executadas em praticamente qualquer outro local que o grupo deseje ou necessite ir.

Conclusão

Durante nossas pesquisas nos deparamos com situações, histórias, bibliografias que nos fizeram compreender um pouco mais sobre a geografia da cultura cigana, muito além daquilo que pensávamos que sabíamos, pois muito do que conhecemos, aqui ousamos incluir os demais gadjos, era só a ponta do iceberg em relação aos ciganos, e pior, de forma distorcida conforme se pode notar nas primeiras linhas deste artigo.

Os ciganos possuem uma rica história, porém, por serem ágrafos é praticamente impossível encontrar documentos, cartas ou algo escrito por seus ancestrais mais milenares para comparar o que eles teriam a dizer a respeito de si mesmos e também daqueles que os perseguiram, pois isto é algo que não se pode negar que existiu.

O limitado conhecimento que existe até os dias atuais em relação aos ciganos corrobora para a perpetuação do “misticismo” sobre eles e, embora ultimamente se mostrem um pouco mais abertos a diálogos sobre sua cultura, ainda veem na sua preservação a garantia de sua própria existência como ciganos.

Por fim, de forma resumida chegamos à conclusão que há ainda muitas questões por trás da geografia dos ciganos. De modo a apontar alguns caminhos para pesquisas futuras, levantamos aqui as seguintes questões para serem investigadas:

- Que elementos da paisagem cigana nos são desvelados a partir de uma maior convivência com o grupo, permitindo-nos interpretar as marcas da sua cultura pelas suas ações cotidianas, mais que pelas suas palavras?
- Que dimensões um estudo comparativo de grupos ciganos diferentes nos demonstram sobre suas regras/leis, relacionando isto à migração?

- Como os eventos festivos realizados pelos ciganos em seus acampamentos favorecem a visita de outros grupos de ciganos e de não ciganos para participar destes eventos e como sua cultura se manifesta nesses lugares de festas?

Migration gypsy: regards about a group camped at Pedro Teixeira – Minas Gerais - Brazil

ABSTRACT- This work is a result of the mix of both personal curiosity about how life of the so-called gypsies is and also the deficiency felt regarding this theme's exploration in the Geography course related to culture and migration. Certain aspects of the gypsy migration historicity in Brazil, in Minas Gerais State and in Juiz de Fora City are being sought after among other objectives, although very briefly, besides highlighting why those who identify themselves as gypsies migrate. This study was conducted with a group often camped in Pedro Teixeira City, in which some of their daily practices related to this temporary housing condition were shown.

Keywords: Gypsies. Migration. Landscape

Referências

BARCELLOS, Tânia M. de. Migrações Internas: Os conceitos básicos frente à realidade da última década. **Ensaio**. FEE. Porto Alegre, (16) 1: 296-309. 2005.

BORGES. **Cidades de portas fechadas: A intolerância contra os ciganos na organização urbana na primeira República**. Dissertação de mestrado (pós-graduação) em História – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2007.

COSGROVE, Denis. Geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato (Organizadores). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p.92-123.

COSTA, Elisa M. L. da. **Contributos ciganos para o povoamento do Brasil – Séculos (XVI-XIX)**. Loulé, 2005.

GUIMARÃES, Solange T. de L. **Paisagens e ciganos: Uma reflexão sobre paisagens de medo, tofília e tofobia**. In ALMEIDA, M .G.; RATTTS, A. J. P. Geografia: leituras culturais. Goiânia: Alternativa, 2003, p. 49-69

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Ed. Terra e Paz, 1972.

IBGE, **Resultados do Censo 2010**. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/?nivel=st>><<http://cod.ibge.gov.br/3CXB>>. Acesso em: 06 ago.2013

MIGRAÇÃO. **Organização Internacional para as Migrações**. Disponível em:<<http://www.iom.int/cms/en/sites/iom/home/about-migration/key-migration-terms-1.html>>. Acesso em 18 fev.2013.

MOONEN, Frans. **Anticiganismo e políticas ciganas na Europa e no Brasil**. Recife: edição do autor. 2012.

PAIVA, Asséde. **Odisseia dos ciganos**. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1934.

PEREIRA, Cristina da Costa. **Os ciganos ainda estão na estrada**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

RAMANUSH, Nicolas. **Cultura cigana, nossa história por nós, parte I, II e III**. 2012. Disponível em: <<http://www.embaixadacigana.com.br>>. Acesso em 12 maio. 2012.

RICARDO, D. M. e CASTRO, V. M. O habitar no processo de integração do imigrante. **Scripta Nova**. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2003, vol. VII, núm.146(064). Disponível em: <[http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146\(064\).htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146(064).htm)>. Acesso em 03 jul.13.

TEIXEIRA, Rodrigo C. **História dos ciganos no Brasil**. Núcleo de Estudos Ciganos. Recife: dissertação de mestrado, 2008.

Sites:

<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=1612>
Acesso em 18/2/2013

<http://noticias.r7.com/brasil/noticias/falta-de-politicas-publicas-para-ciganos-e-desafio-para-o-governo-20110524.html>. Acesso em 18/2/2013

http://www.reportersocial.com.br/noticias_print.asp?id=1131&ed=direitos%20humanos –
Acesso em 18/2/2013

<http://www.csem.org.br>>. Acesso em 18/2/2013

SOBRE OS AUTORES

Thiago Henrique Lopes - Bacharel em Geografia – Universidade Federal de Juiz de Fora.

Carlos Eduardo Santos Maia - Possui graduação em Bacharelado em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1987), graduação em Licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1988), mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994) e doutorado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002). Atualmente é professor associado no DEGEO/UFJF, pesquisador do NuGea e atua como colaborador no Programa de Pós-Graduação em Geografia do IESA/UFG. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: tradições, rituais e festas populares. Pós doutorado no ENEC/Sorbonne/Paris IV.

Recebido para avaliação em agosto de 2015

Aceito para publicação em outubro de 2015